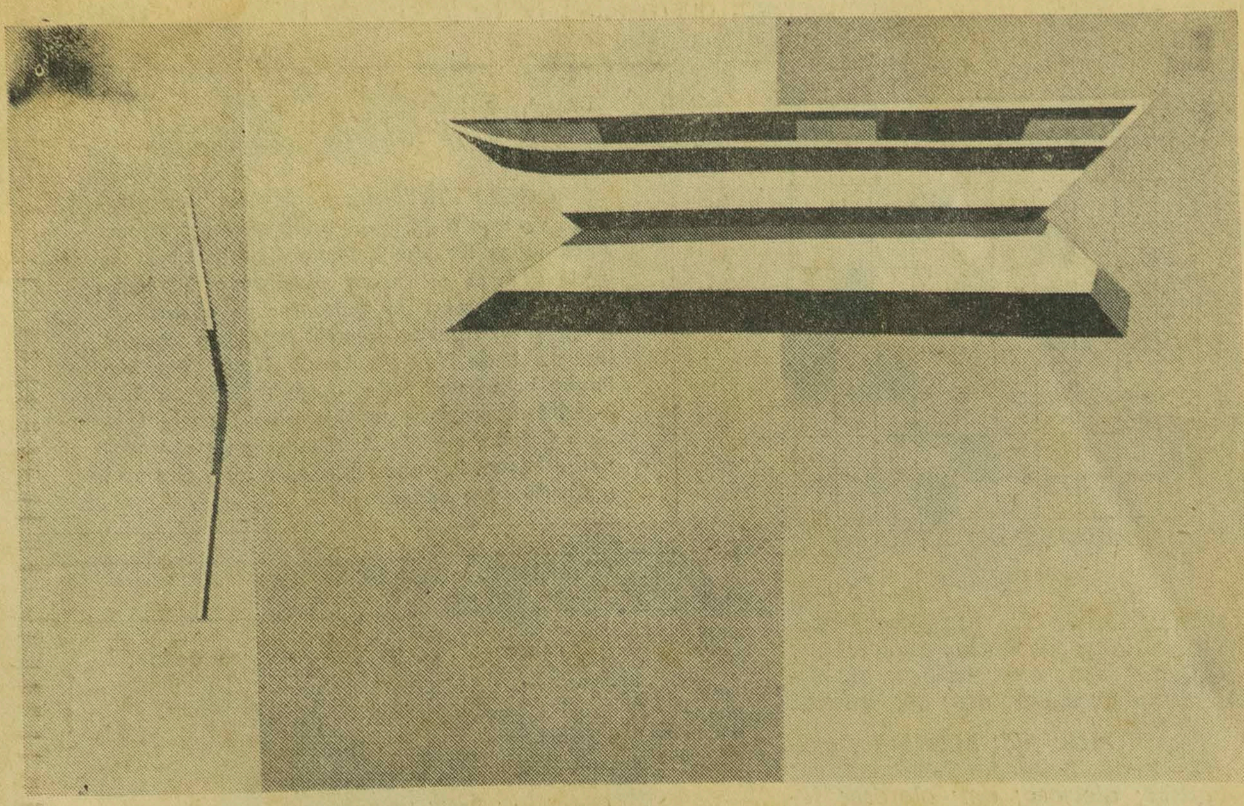
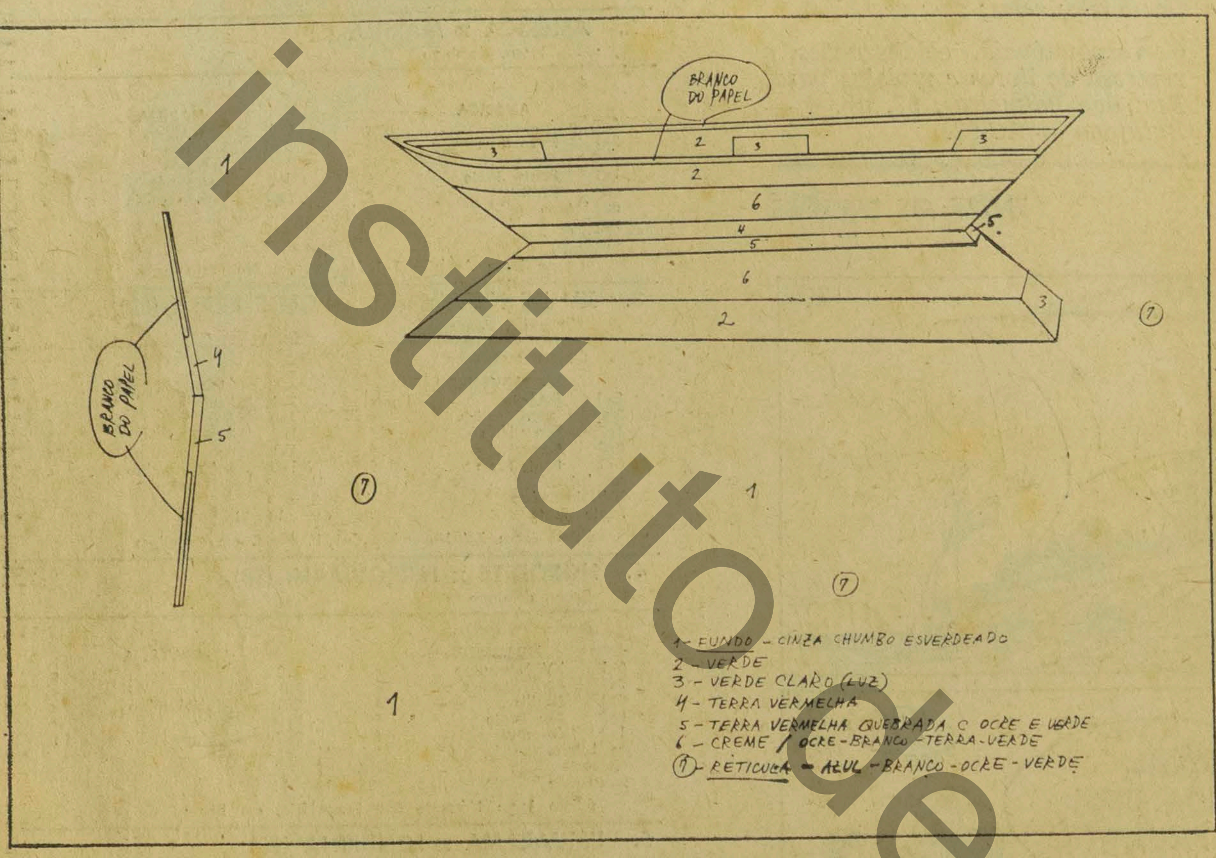
SIL



SERIGRAFIA

Serigrafia (lo latim sericum + *grafia) ou* silk-screen *(tela de seda em inglês) — processo gráfico desenvolvido por volta de 1920 nos Estados Unidos e na Europa, e aceito no Brasil como técnica de gravura artística a partir de 1967. Por sua grande tiragem e preço acessível, é a técnica mais popudar da chamada arte democrática. Nesta virada de ano, a serigrafia voltou a ser assunto. Em primeiro lugar, pelo reconhecimento oficial do Museu de Belas-Artes, que realiza até o fim do mês sua I Mostra de Serigrafia, já tendo vendido mais de Cr$ 5 mil. Em segundo, porque Carlos Scliar acaba de lançar seu primeiro álbum artístico-didático como serígrafo*

O PROCESSO ARTÍSTICO DE ACESSO FÁCIL



Nas explicações detalhadas, a desmistificação da técnica feita pelo próprio artista

— A gravura é o meio natural para se atingir um público maior e mais jovem. Todo artista no Brasil deve procurar ao máximo ampliar seu público, fazendo chegar a ele suas proposições de trabalho. A serigrafia, de todas as técnicas, é a que pode ter maior divulgação, por sua grande tiragem e preço acessível. É a arte democrática por excelência.

Quem o diz é Scliar, apontado como um dos grandes pioneiros da serigrafia artística no Brasil. Mesmo antes da técnica ser aceita pelos acadêmicos, ele já a utilizava, como em 56, nos cartazes do filme *Orfeu da Conceição*, feitos por ele, Djanira, Raimundo de Oliveira e Luís Ventura.

Na época, o processo serigráfico era eminentemente industrial, usado na impressão de flamulas, pequenos cartazes e folhetos, além de tecidos e outras superfícies. Segundo Scliar, "faltava o acabamento necessário que a obra artística deveria ter, pois a execução era realmente lamentável."

Em 1966, ele conheceu Dionísio del Santo, que trabalha no ramo há mais de 30 anos, e ele próprio um pesquisador dos recursos criativos da técnica. Scliar ficou impressionado com a "perfeição técnica" de Dionísio em seu primeiro trabalho com ele (um envelope com cinco serigrafias), e hoje afirma que "se não existisse o Dionísio t a l v e z não existisse a minha serigrafia."

Foi no ano seguinte — 1967 — que o grande passo foi dado. Scliar criou a Editora Estampa, com mais 11 artistas plásticos, e lançou uma série de 12 envelopes de serigrafias do grupo, financiando o primeiro, e compensando o investimento com sua venda. O dinheiro arrecadado pelo primeiro também pagou o segundo, e assim sucessivamente até o último.

Com a Editora Estampa, e a grande aceitação por parte do público, estava vencida a grande resistência dos acadêmicos contra a serigrafia, que hoje é utilizada por um número cada vez maior de artistas e equiparada às demais técnicas de gravura, como a xilogravura, a litografia, a gravura em metal, em linóleo, etc.

O ÁLBUM

Baseado neste sucesso, e em sua confiança no valor do processo, Scliar resolveu aceitar a sugestão do crítico Roberto Pontual, e lançou, este mês, um álbum artístico-didático, que ele mesmo descreve como "a desmistificação da técnica de serigrafia feita pelo próprio artista."

E' por isso que, ao lado das oito serigrafias do álbum — com seus temas característicos de bules, velas, lampiões, naturezas mortas, barcos e paisagens — Scliar incluiu diversas pranchas com os projetos de serigrafia, uma prancha com a impressão da retícula e uma das tabelas de combinações de cores transparentes elaborada por Dionísio del Santo.

A tiragem do álbum é de 60 exemplares, 10 dos quais foram doados a museus, universidades e à Biblioteca Nacional. Os outros 50, ao preço de Cr$ 1500,00, estão à venda no próprio **atelier** do artista, no Leblon. E para quem não puder comprar todo o álbum, Scliar fez uma tiragem avulsa, em outro papel, de todas as oito serigrafias, que custarão Cr$ 200,00 cada.

O álbum mede 50x70cm, e tem uma introdução do próprio Roberto Pontual, salientando que seu lançamento "trata-se de uma maneira exata de dar continuidade ao seu (de Scliar) longo trabalho em gravura, desenho e arte gráfica." Ressaltando o aspecto didático do lançamento, o crítico ainda afirma que "com isto, frente ao público, diminui-se a distancia entre a obra que lhe chega às mãos e toda a longa sequência de fases que faz com que qualquer coisa chegue a ser ela própria. Temos a obra, mas também uma visita à oficina e ao processo que a produziu."

O PROCESSO

A criação de uma serigrafia começa no projeto: os contornos de sua forma são desenhados pelo artista, com indicações da cor desejada sobre cada área do desenho. Para as tintas opacas, Scliar numera as áreas e indica as cores referentes a cada número em um canto do papel. Para as tintas transparentes, ele se utiliza de uma das tabelas de Dionísio del Santo.

A serigrafia tem recursos ilimitados, tanto na forma quanto nas combinações de cores, mas Dionísio, que não esconde seu desejo de difundir a técnica, descreve o processo mais simples, "que qualquer um pode fazer em casa."

O primeiro passo do processo é o recorte da matriz (uma para cada passada de cor). Sobre o projeto, coloca-se uma folha de película de recorte manual, que é um plástico transparente, coberto com uma camada gelatinosa. Cada folha, correspondente a cada matriz, tem que ter um registro, para permitir uma exata superposição das impressões, evitando-se deslocamento do papel.

Uma vez fixada a película sobre o projeto, usa-se uma faca de recorte para retirar-se a camada gelatinosa de sobre a área de cor, cortando-se pelo contorno desenhado no projeto. O processo se repete para cada matriz.

Com um solvente chamado *thinner*, esta película é fixada sobre uma tela especial (o chamado *nylon* de seda) esticada sobre um bastidor, ou moldura, de madeira. Depois de seca, a parte de plástico é retirada da tela, ficando a camada gelatinosa protegendo as áreas onde a tinta não imprimirá o papel.

Sobre uma mesa de vidro, com uma lampada por baixo, para melhor visão, fixa-se a matriz com uma dobradiça presa a uma madeira que atravessa a superfície da mesa, e sobre esta prende-se um pedaço de acetato com o registro, tendo nos cantos cantoneiras de papelão para a colocação do papel sempre na mesma posição.

Uma vez colocado o papel sobre a mesa, a matriz é descida sobre ele. Em frente à parte da matriz desprotegida pela gelatina, despeja-se uma quantidade de tinta (que deve ter a consistência um pouco mais encorpada que o leite condensado) e a impressão é feita puxando-se a tinta sobre a tela, com um movimento firme e uniforme, com um puxador de borracha sintética. Pela trama da tela de seda, a tinta passa e vai imprimir o papel.

A impressão da serigrafia é feita por etapas, cada matriz imprimindo uma cor, no caso das tintas opacas, ou uma combinação de cores, no caso das tintas transparentes. Uma vez impressa toda uma tiragem com uma **matriz**, ela é colocada para secar em prateleiras rasas, e volta à mesa de impressão já com outra matriz. Cada matriz é limpa com uma estopa embebida em aguarrás.

OS RECURSOS

Segundo Dionísio, os recursos de impressão em serigrafia são inúmeros, e ele aponta alguns: a passada de tinta com uma estopa dá um efeito de aquarela; combinando-se tintas foscas e transparentes consegue-se diferentes texturas; diferentes tipos de tela produzem diferentes tipos de textura.

Mas é na cor, onde Dionísio mais se destaca, com sua série de *Permutações*, que a serigrafia pode oferecer recursos realmente ilimitados. Cada cor opaca representa uma matriz, e pode-se utilizar quantas matrizes se quiser (Scliar geralmente usa cinco, mas Dionísio já chegou a imprimir com 18).

Quando se fala em tinta transparente, então os recursos são maiores ainda. Dionísio já elaborou, depois de anos de pesquisas, mais de 30 diferentes tabelas de transparência, com cinco cores básicas que, por superposição, produzem 31 diferentes nuanças. Mas estas nuanças podem ser multiplicadas, se se usar mais de cinco matrizes.

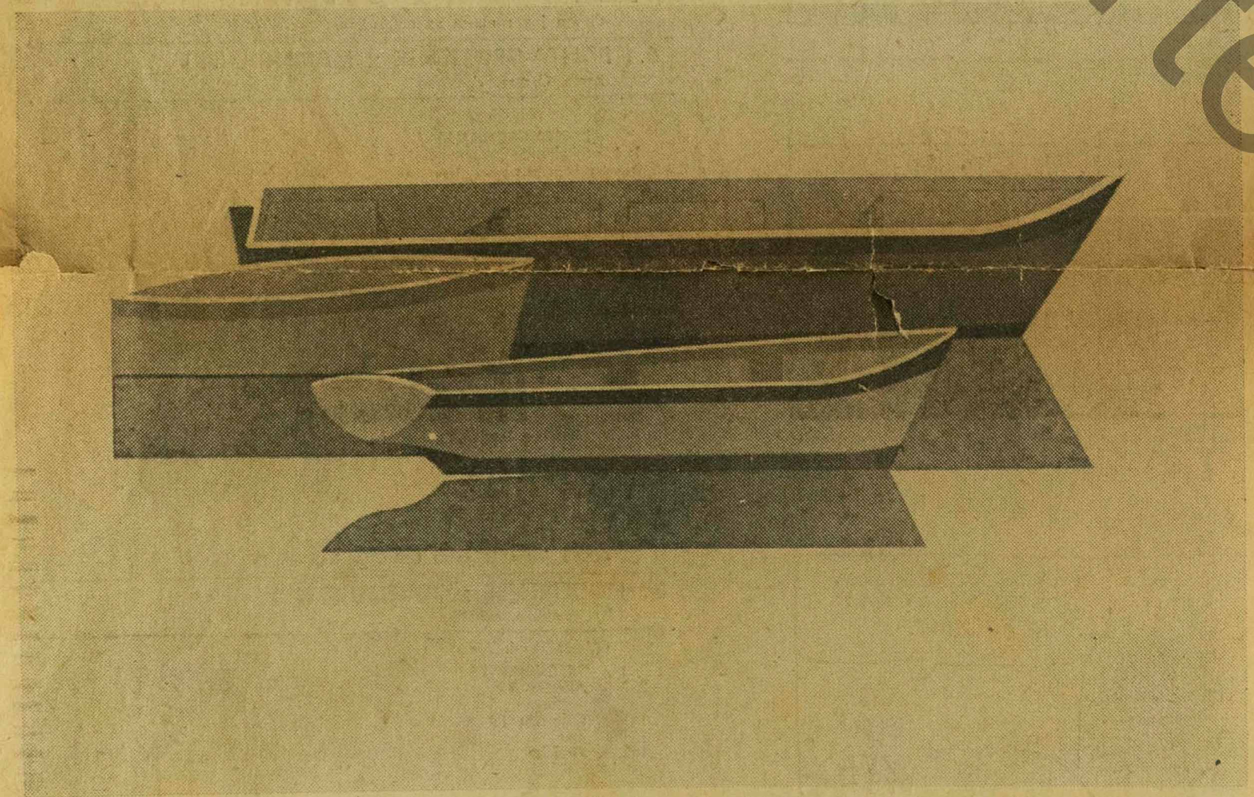
— Com duas cores (uma em cada matriz), se consegue três nuanças/ com três cores, sete nuanças; com quatro, 15; com cinco, 31; com seis, 63; com sete, 127; com oito, 255; e assim por diante, até o infinito. É fácil calcular: é sempre o dobro da anterior mais um.

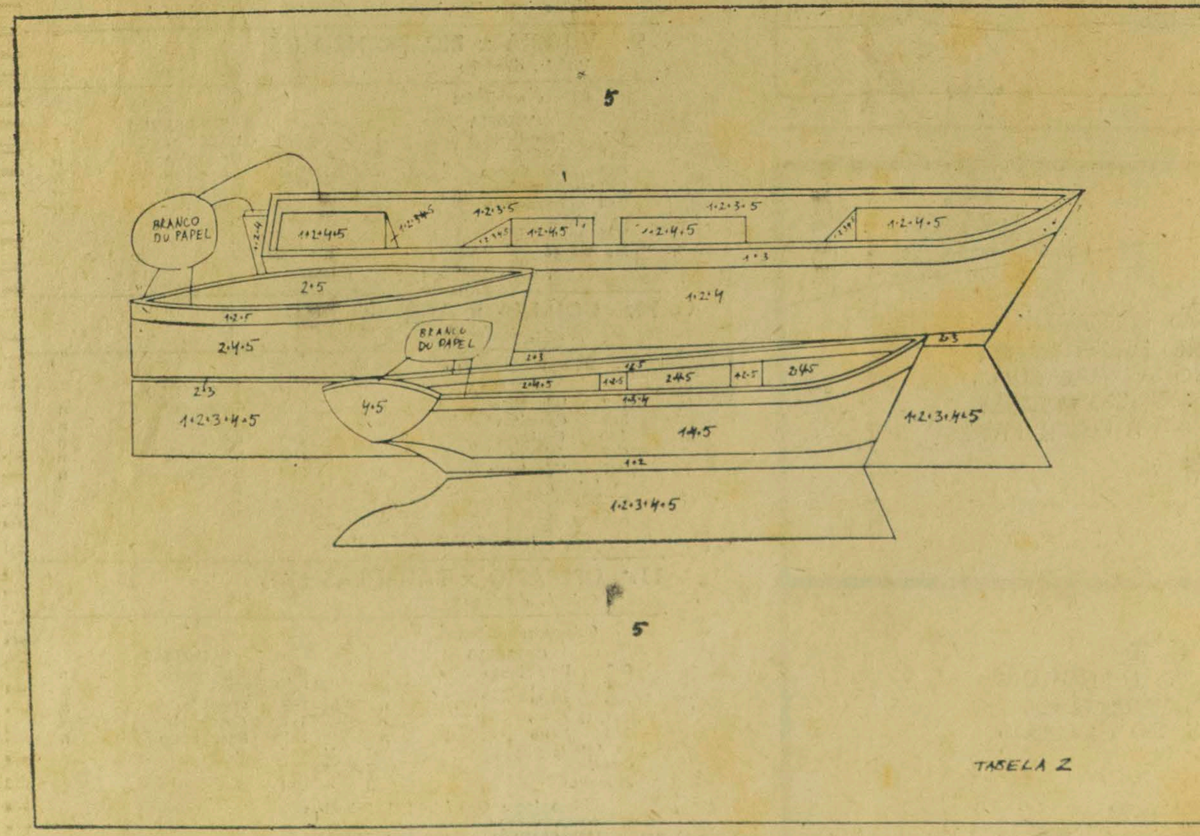
Estas tabelas, que Dionísio elaborou em 71 e 72, estão à disposição dos interessados em seu *atelier*, na Rua Monte Alegre, e entre seus fregueses, que utilizam-se das tabelas, estão diversos artistas conhecidos, como Scliar, Djanira, Renina Katz, Burle Marx, Volpi, Ivã Serpa e Fayga Ostrower.

Dionísio faz as tiragens de todos estes artistas, mas não esconde que seu sonho é parar de imprimir para os outros e dedicar-se somente a seu trabalho, suas pesquisas de cor, principalmente suas permutações. "Na minha opinião, a serigrafia só é gravura quando é manipulada pelo próprio criador, quando ele domina a técnica e tem capacidade de dar-lhe novas direções."

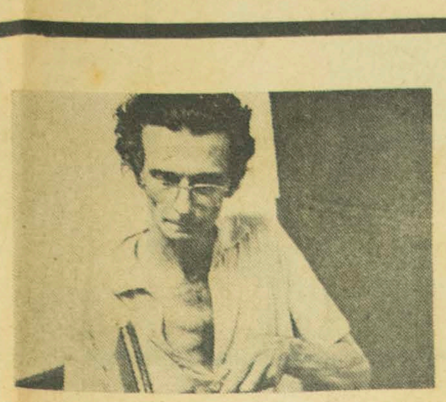
Mas Scliar tem uma opinião diferente, pois seu interesse na serigrafia é principalmente seu recurso multiplicador da obra de arte. "Eu crio o projeto, escolho as cores, e até as misturo eu mesmo no *atelier* do Dionísio. Mas deixo a impressão a cargo dele, pois este tempo eu utilizo na criação de novas obras."

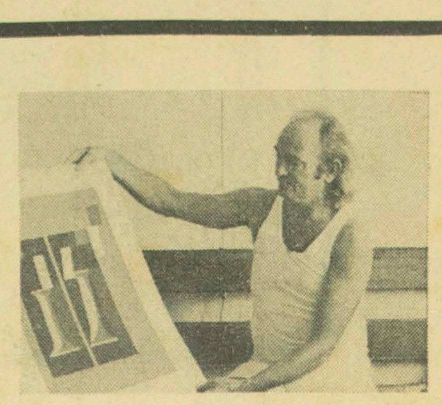
Tanto um quanto o outro provam, com seu trabalho, a instalação definitiva da serigrafia como técnica de gravura no Brasil, e não pretendem parar por aí. Scliar já está pensando em lançar, ainda este ano, um segundo álbum, de formato menor e de preço ainda mais acessível, e Dionísio, possivelmente em junho, vai expor no MAM, para onde pretende transferir seu *atelier* durante a duração da exposição, onde dará explicações práticas sobre o mais novo processo de arte gráfica.





Trabalhando com tintas opacas e tintas transparentes, o artista elabora o projeto que permitirá a reprodução do seu trabalho





A "perfeição técnica" de Dionísio del Santo foi fundamental para a realização de Scliar como serígrafo

instituto de arte contemporânea